

Arquitetura Gráfica

O presente conjunto de trabalhos foi realizado a partir de imagens fotográficas digitalizadas de registros da paisagem urbana de São Paulo.

Algumas dessas fotografias aparecem na sua forma original, tal qual foram tomadas, outras tiveram apenas detalhes ampliados ou ainda, sofreram alguma alteração de cor e contraste.

A fotografia funciona aqui como um suporte, emprestando o registro de sua imagem para a sobreposição de um trabalho gráfico: um conjunto de linhas inspirado na perspectiva tradicional, mas que subverte seus princípios de construção. Seria como sobrepor as diferentes visões que experimentamos quando nos deslocamos no espaço, a partir de nossa percepção, sempre parcial e mutável.

Nada tão inusitado, quando nos remetemos aos movimentos da arte moderna do início do século XX, como o cubismo, por exemplo. Mas trata-se, neste caso, de buscar uma aproximação com o território específico dos desenhos de representação da arquitetura, sobretudo na linguagem mais técnica que os caracteriza.

Como se estes recortes aleatórios do cenário urbano voltassem à mesa de trabalho, e fossem novamente submetidos ao desenho que está nas suas origens.

Um desenho que se apoia nas linhas construídas das edificações, que as prolonga no sentido de fazer com que se encontrem em cruzamentos no espaço; um emaranhado de linhas que não projetam uma arquitetura realizável, mas a visão de um labirinto de fios que, de alguma maneira, evoca a paisagem caótica e desordenada tão própria às grandes cidades nas quais vivemos.

Há o estranhamento do uso deliberado do grafismo sobre a imagem fotográfica, quase uma heresia, mas que reitera as curiosas justaposições de imagens de toda a natureza a que estamos sujeitos. Um comentário feito a partir de um desenho “quase” técnico, traçado a nanquim, e que remete a uma forma datada de representação da arquitetura, dos tempos que antecederam o mundo da linguagem digital, dos programas de desenho virtual.